NEUROPSICOPEDAGOGIA, EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

BEATRIZ SOUZA GOMES TEODORO

RESUMO

O objetivo do presente artigo é apresentar a importância da temática sobre "Neuropsicopedagogia, Educação Especial e Inclusiva" e de como se constrói a necessidade de normalização do portador de necessidades especiais nos espaços regulares de ensino onde o processo de ensinoaprendizagem acontece de maneira diversa e de analisar, compreender, refletir a partir de premissas epistemológicas de como se dá o processo de aprendizagem no cérebro de uma criança em sua infância. Urge a necessidade de trazermos para nosso cotidiano existencial os novos paradigmas que a Neuropsicopedagogia propõe em um mundo que está em constante evolução e mudanças em todos os níveis e sentidos que afetam o processo de aquisição de conhecimento. É preciso ter clareza de nossas impressões de normalidade e anormalidade numa perspectiva de quem convive em sala de aula dom o diverso, o diferente. Essas impressões e os nossos pré-conceitos precisam ser revistos constantemente uma vez que o espaço da experiência acontece no concreto do processo de aprendizagem. A nossa pesquisa é de caráter bibliográfico onde pesquisamos autores que estudam sobre a educação inclusiva que nos deram suporte para este estudo. A inclusão precisa acontecer numa escola que é diversa, ou seja, a inclusão escolar ocorre a partir de mudanças significativas e muitas vezes emblemáticas no processo de escolarização de pessoas com necessidades especiais, uma vez que a apropriação do conhecimento de dá de múltiplas formas e ao longo do nosso existir. Uma Educação Inclusiva numa Escola Diversa só pode acontecer com rompimentos de velhos vícios que não ajudam a tornar visível os invisíveis.

Palavras-Chave: Neurociência; Ensino; Aprendizagem; Arte.

ABSTRACT

The objective of this article is to present the importance of the theme on "Neuropsychopedagogy, Special and Inclusive Education" and how the need for normalization of the person with special needs is built in regular teaching spaces where the teaching-learning process takes place in a different way and to analyze, understand, reflect from epistemological premises of how the learning process takes place in the brain of a child in his childhood. There is an urgent need to bring to our existential daily life the new paradigms that Neuropsychopedagogy proposes in a world that is in constant evolution and changes at all levels and senses that affect the process of acquiring knowledge. It is necessary to be clear about our impressions of normality and abnormality from the perspective of those who live in the classroom with the diverse, the different. These impressions and our preconceptions need to be constantly reviewed since the space of experience takes place in the concrete part of the learning process. Our research is of a bibliographical nature where we researched authors who study inclusive education who gave us support for this study. Inclusion needs to happen in a school that is diverse, that is, school inclusion occurs from significant and often emblematic changes in the process of schooling people with special needs, since the appropriation of knowledge gives in multiple ways and throughout our existence. An Inclusive Education in a Diverse School can only happen with breaking old vices that do not help to make the invisible visible.

Keywords: Neuroscience; Teaching; Learning; Art.

1 INTRODUÇÃO

A Neurociência é um campo emergente do saber. Conforme Herculano-Houzel (2004) ainda é uma ciência nova, tendo em torno de 150 anos, que trouxe muitos resultados que vêm proporcionando mudanças significativas na forma de percebermos o funcionamento cerebral e a aquisição de conhecimento no processo de ensinoaprendizagem. Entretanto, a tentativa do ser humano em saber como o cérebro funciona não é de agora, vários pesquisadores tentaram, mas se deparam nas limitações do seu tempo histórico.

O desenvolvimento infantil e como o cérebro aprende é um assunto que interessa não só aos profissionais da saúde e da educação, como os pais. A abordagem do tema proposto ajudará aos profissionais na obtenção de uma pormenorizada sobre as questões propostas, aos pais cobrir e sanar possíveis dúvidas. É um tema que ajuda no atendimento pedagógico e na Sala de Recursos para Atendimento Educacional Especializado para um conhecimento com fundamentação científica.

A criança pode aprender de diversas formas: aprendizagem social, aprendizagem psicológica, mas saber como o cérebro aprende ainda é um assunto que não está estampada nas capas de revistas especializadas ou de grupos de pesquisa de grandes universidades. Os pais não entendem como os filhos aprendem, os professores da Escola Regular, Pública, Particular, Especial muitas

vezes não tiveram formação de Neurologia na Graduação.

Discutir "Inclusão Escolar na Sociedade" é apresentar questões antagônicas. A primeira delas, impulsiva, está no fato de ter muito o que fara a respeito de uma temática de tamanha importância e relevância em nossa atualidade. Por outro lado, tratase de uma questão de princípios, de valores, portanto algo que faz parte do mundo em que vivemos. Ainda poderíamos dizer que há muito a discutir e principalmente, muito a ser feito.

Quando nos referimos inclusão estamos falando de valores, atitudes e práticas que se traduzem no respeito a diferenças e ao tratamento equitativo a pessoas diferentes, de forma a garantir oportunidades a todos. Se aplica pessoas com necessidades educacionais especializadas e por aí vai.

Em junho de 2015, foi sancionada a Lei Brasileira da inclusão. Ela amplia e concretiza direitos às pessoas com deficiência, que já há algum tempo vinham sendo construídas pela sociedade.

Na prática, inclusão de verdade não se faz nem por Lei e muito menos através de Decretos. É bem mais complexo. De qualquer forma sabemos que as Leis e os Decretos são fundamentais para que a inclusão ocorra, para conscientizar a sociedade e obrigá-la a pensar e agir de forma inclusiva, na Escola, na Sociedade, nas Relações que estabelecemos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A APRENDIZAGEM NO CÉREBRO HUMANO

Iniciamos a nossa reflexão com a seguinte questão: onde começa a aprendizagem infantil? A aprendizagem infantil começa na gestação, na grande maioria das vezes em momentos da gestação que a mãe não tem consciência e não sabe ainda que está grávida.

Aprendizagem é entendida como processo dinâmico em que se codifica e se ressignifica tal codificação. O estudo da aprendizagem tem como foco não apenas os processos cognitivos que permitem estas operações, mas também as condições biopsicossociais que as facilitam. O indivíduo é visto como um ser ativo, que interage com o contexto, e neste processo interativo é que a aprendizagem se consolida (BARBOSA, 2010, p. 107).

A partir de tais reflexões, a aprendizagem é envolta em complexidade, dinamismos, codificação, ressignificação e reflexão. Faz-se necessário partir de conhecimentos prévios, pontos de ancoragem, para que os conteúdos sejam aprendidos e fiquem na memória. É fundamental dar condições para que a criança construa sentido sobre o que está sendo proposto para ela.

No quarto mês de gestação é o momento em que a criança começa a ter sensibilidade auditiva e sensibilidade tátil. A partir deste momento, qualquer barulho, qualquer toque, qualquer grito, qualquer risada, qualquer carinho ou qualquer manifestação seja ela motora e tátil em relação ao ambiente uterino ou a audição da criança, a criança percebe. A partir do quarto mês de gestação a criança começa a ouvir, a perceber os sons e a responder a todo esse processo.

Essa resposta varia muito de criança para criança e pode ser feita de duas formas: a resposta pode ser motora, a criança chuta, ou a criança se me mexe ou se agita ou pode ser uma resposta hormonal se for um estímulo bom, um estímulo adequado, um estímulo gostoso a criança pode desenvolver hormônios que vão ajudá-la a se desenvolver ajudando o cérebro a criar conexões boas, produtivas para o desenvolvimento. Se a produção desses hormônios for um conjunto de hormônios ruins isso já pode modular o desenvolvimento infantil da criança de forma negativa dentro do útero. A resposta motora é facilmente percebida, a resposta hormonal é impossível de ser percebida porque ela é produzida e lançada na corrente sanguínea da criança e da mãe nessa resposta aos estímulos que vem de fora.

O processo cerebral se inicia nessa fase. Muitas mães não sabem que estão grávidas e estão bebendo, fumando, usando drogas. Nessa fase ao invés de buscar um ambiente calmo e tranquilo ainda estão frequentando baladas, estão frequentando lugares com barulhos ensurdecedores. Saber que o cérebro começa a criar mecanismos de aprendizagem nessa fase é fundamental porque esta mãe precisa tomar atitudes e posturas de resguardo para que essa criança possa ter uma gestação tranquila e o uso de bebida alcóolica, de fumar ou o uso de drogas como heroína, crack vão levar inevitavelmente a algum tipo de alteração no desenvolvimento do cérebro da criança. Sabendo que o desenvolvimento do cérebro começa nessa fase, a mãe precisa buscar uma forma de vida que proteja a criança desses fatores.

Durante o processo gestacional a criança faz parte do corpo da mãe, ou seja, são dois seres que estão interligados. Não há como pensar que esse bebê não vai sofrer nenhuma consequência de qualquer atitude que mãe tome durante o processo gestacional. O bebê está o útero para receber alimento, oxigênio, para ser protegido do ambiente externo, da poluição, de barulhos, ou de traumas físicos, mas também para receber da mãe afeto e carinho transmitido por meio de todo um cuidado que essa mulher precisa ter com essa criança.

Nós sabemos que o crack reduz e muito a quantidade de substâncias funda-

mentais para divisão dos neurônios e para a ramificação dos neurônios em determinadas áreas cerebrais.

Muitas crianças que eu atendo no Consultório, que foram geradas por mães que usaram crack ou qualquer outro tipo de drogas apresentam vários transtornos no desenvolvimento. Problemas relacionados a atrasos motores, atrasos de linguagem, distúrbios de comportamento. São crianças que desde muito pequenas já mostram que vão apresentar grandes dificuldades de aprendizagem escolar por causa de problemas relacionados a memória de trabalho, atenção, raciocínio, espacial. Portanto, mães que utilizaram drogas na gestão tem mais riscos de apresentar filhos com problemas de desenvolvimento (BRITES, 2018, p. 34).

É de extrema importância que mãe desde o começo da gestão possa se resguardar para esse processo. Ressaltamos que a história pré-natal não está abordando que é a história familiar de transtornos psiquiátricos e mães adolescentes. A mãe adolescente é uma mãe que ainda está em fase de desenvolvimento e crescimento. Portanto, durante toda a gestação ela vai competir com seu próprio filho por nutrientes, por vitaminas que ela mesma ainda precisa para crescer e a não se sabe o quanto isso vai fazer falta para a criança. A gestação precoce é prejudicial à criança.

A gestação além de ser um processo biológico é um processo que depende de fatores neurobiológicos, psicoemocionais e de socioculturais (CIASCA, 2006). A aprendizagem criança também depende desse tripé e é de fundamental importância observamos como se processa o desenvolvimento infantil na criança.

Quais são os fatores neurobiológicos mais importantes para o desenvolvimento neurobiológicos mais importantes para aprendizagem? Quais são os fatores psicoemocionais mais importantes para o desenvolvimento cerebral e aprendizagem? Quais são os fatores socioculturais decisivos, que direcionam a criança para uma aprendizagem adequada?

Alguns Artigos que saíram no The Lancet que uma das revistas das mais importantes em publicações relacionadas ao desenvolvimento infantil em conjunto com algumas pesquisas multicêntricas feitas na Europa mostram que dois fatores socioculturais são decisivos para um bom desenvolvimento neurológico. Primeiro, o grau de enriquecimento do ambiente. Foi percebido que crianças que moram em áreas de favelas de países subdesenvolvidos. Essas crianças vivendo em tapumes, casas de pau-a-pique ou casas de madeira elas tinham uma visão e uma audição muito mais empobrecidas. Elas viviam em ambientes cinzentos, em ambientes sem cores, sem multiplicidade de estímulos. Essas crianças apresentavam menos habilidades cognitivas quando chegavam na Escola. Então, a pobreza extrema, a falta de perspectivas dos próprios pais dessas crianças que por viverem num ambiente extremamente desprovido e de um ambiente empobrecido e de instabilidade financeira acabavam transmitindo as mesmas inseguranças, a mesma falta de perspectiva e a falta também, de estimulação adequada dessas crianças. Essas crianças foram acompanhadas por anos a fio e quando chegavam na escola tinham um índice de aprendizagem e um rendimento uma performance escolar inferior mostrando que o cérebro delas fazia muito menos por medição. Segundo crianças que apresentam mais verminoses nos primeiros anos de vida, que apresentam restrições nutricionais por desnutrição nos primeiros dois, três, quatro anos de vida tem mais risco de apresentarem rebaixamento nas suas habilidades cognitivas. Então, aqui podemos fazer um parêntese extremamente importante para a realidade brasileira e nos perguntarmos: como vão nossas crianças nas Escolas Públicas? Essas crianças não são avaliadas sistematicamente por pediatras nessa faze da vida e também apresentam dentro da Escola Pública um empobrecimento muito menor por estarem essas Escolas localizadas em ambientes com menor estimulação, com menor renda, com casas onde os pais vivem uma instabilidade financeira, uma instabilidade cultural muito maior e, portanto, numa área de socialização mais precária porque muitas dessas crianças vivem em ambientes onde elas ouvem tiros, restrições de movimentação ao ambiente porque determinado traficante domina aquela área e isso não permite que essas crianças tenham um desenvolvimento social, afetivo, global adequado. O que vai acontecer a longo prazo com essas crianças se cérebro delas é desprovido do estímulo adequado nessas áreas empobrecidas? Elas não veem nada muito colorido, nada muito gostoso, nada muito afetuoso para realmente poderem se desenvolver. Esse é um exemplo claro de como os aspectos socioculturais influenciam.

Outro fator é o nível cultural da mãe. Quando melhor o nível cultural da mãe melhor a capacidade da criança de fazer associações, de fazer abstrações e de ser direcionada de forma muito mais frutífera para a Escola e para o rendimento Escolar. Ir para a Escola não é uma coisa muito fácil, muito gostosa, muito deliciosa para a maioria das nossas crianças e uma boa mãe do ponto de vista cultural e afetivo ajuda e muito a motivação e a prontidão dessa criança para aprendizagem escolar.

O que é mais fácil, explicar que deve ser feito com uma criança em casa para uma mãe de bom nível sociocultural ou esperar que essa mãe explique para essa criança se essa mãe tem um mau nível sociocultural? Uma das políticas que poderiam ser feitas é melhorar o nível de educação das mães, ou

seja, das mulheres. Os pais também devem ter uma participação importante, mas cientificamente é o nível cultural da mãe que definem o nível de aprendizagem de nossas crianças.

O nível sociocultural aumenta e muito a ramificação neurológica, aumenta e muito a interconexão entre várias áreas cerebrais, ajuda a melhorar o nível de assimilação, o nível de abstração da criança, a representação mental da criança e também, o nível de generalização, com isso vai se melhorando todo o processo de aprendizagem da criança.

O cérebro aprende muito mais quando ele pratica, quando ele faz sozinho, quando ele repete aprendizagens pregressas, quando ele consegue espelhando a sua ação na ação da mãe, na ação do pai, mas quando ele faz sozinho. Um exemplo disso é quando uma criança come sozinha. Com um ano e meio a criança já consegue manipular a colher. É claro que ela vai derrubar tudo, vai sujar tudo, irá fazer uma bagunça terrível. A partir de um ano e meio, a criança já tem competência neurológica para pegar a colher e levar o alimento até a boca e mesmo assim, muitos pais não permitem que a criança faça isso, porque eles estão com pressa, porque eles não querem sujeira e aí, privamos a criança de um aprendizado extremamente importante que é coordenação motora das mãos em relação à face, à boca. A criança fará isso para o resto da vida, portanto, deve ser bem-feito.

O mesmo acontece quando a gente impede que uma criança se vista sozinha, que tire a roupa sozinha e comece a tomar banho sozinha. Uma criança de quatro anos já tem condições plenas de tirar a roupa e de colocar sozinha. A criança irá demorar, mas já tem condições de fazer isso.

Aos cinco anos a criança já tem condições de tomar banho sozinha. Ela já está em condições de lavar as diversas partes do corpo e os pais precisam deixar seus filhos fazerem isso, precisam permitir com que essa aprendizagem se faça de forma errática e de forma imperfeita nessa época, para que a repetição e a observação sistemática levem essa criança a dominar por completo essa atividade.

Para que o cérebro funcione bem, precisamos nutri-lo bem. Uma nutrição adequada melhora a capacidade de nosso cérebro de funcionar de forma adequada. Então, quais são os alimentos que ajudam o nosso cérebro a se desenvolver melhor?

Uma das formas de estimularmos a criança a comer direito é ter a oferta de alimentos bons em casa e o pai e a mãe precisam comer também. A criança vai muito pelo exemplo. A disponibilidade de alimentos saudáveis é de fundamental importância. Alimentos que sejam ricos em vitaminas, fibras e também sejam ricos em alguns nutrientes que ajudam o cérebro a se desenvolver como o Ômega 3.

A Revista Crescer traz por meio de pesquisas e evidências a importância do Ômega 3. O Ômega 3 está principalmente concentrada em peixes, em gordura de peixes. Isso é extremamente importante e não vemos crianças comer peixes em determinadas regiões do Brasil. É importante apresentar esse alimento para a criança de forma criativa. Temos que apresentar o prato de forma divertida, de uma forma estimulante e em conjunto com outros componentes da alimentação que ela goste mais. Isso é uma forma de embutir vitaminas e fibras onde a criança não come muito.

No desenvolvimento neurológico é importante que a criança brinque com brinquedos onde ela possa criar determinado objetivo. Brinquedos onde a criança construa caminhos. Portanto, brinquedos simples. Não é necessário a aquisição de brinquedos de alta tecnologia, brinquedos que brinquem sozinhos, brinquedos que fiquem mostrando várias luzes ou várias performances.

Vejo aqui no meu Consultório os pais entram com as crianças com Ipod's na mão. Aí passam alguns minutos aqui no meu Consultório e a criança larga o Ipod e vai brincar com os meus brinquedos de encaixe, a criança vai brincar com bonequinhos que eu tenho aqui. Vai brincar com brinquedos de quebra-cabeças, vai brincar com caminhão de plástico que eu tenho aqui e a mãe fala que em casa ele não brinca com nada disso (BRITES, 2021, p. 11).

A criança em si vai se interessar por brinquedos onde se estimule a sua capacidade de generalizar, de abstrair, de criar coisas novas. Brinquedos que a ajudem a ter controle motor, brinquedos de encaixe, brinquedos que ela possa ter o ritmo adequado para cumprir uma determinada atividade com eficácia. Brinquedos simples, pais. Brinquedos simples, professores. A criança não precisa de brinquedos de alto nível tecnológico. A tecnologia veio mais para a nossa fase adulta do que a fase infantil.

A fase infantil é a fase de trabalhar pré-requisitos básicos. A gente deixa a tecnologia para mais tarde ou apresenta a tecnologia para a criança em alguns momentos, em algumas situações, em alguns momentos que a criança poderá estar aprendendo outros caminhos dentro da tecnologia disponível hoje. A criança precisa primeiro aprender a trabalhar com coisas mais simples que dependam mais dela do que a tecnologia que já vem pré-montada e pré-fabricada, caso contrário isso vai apresentar problemas num futuro próximo.

Os pais precisam aprender a brincar com os filhos, a sentar com os filhos, a olhar nos olhos dos filhos, a conhecer a individualidade de cada um, saber o que deixa o(a) fi-

lho(a) mais nervoso(a) ou menos nervoso(a). Quem tem filho único tudo bem. Mas quem tem três ou quatro filhos sabe que nenhum deles é igual. Uns vão exigir mais olhares, vão exigir mais abraços. Outros precisam de broncas mais sérias, olhares mais sérios. Outros você vai ter que sentar e conversar por dez minutos. Outros basta um olhar que ele já entende o que o pai ou a mãe quer. Então, conhecer muito bem o seu filho ajuda muito a se desenvolver plenamente.

A neurociência oferece um grande potencial para nortear a pesquisa educacional e futura aplicação em sala de aula. Pouco se publicou para análise retrospectiva. Contudo, faz-se necessário construir pontes entre a neurociência e a prática educacional. Há forte indicação de que a Neurociência cognitiva está bem colocada para fazer esta ligação de saberes (BARTOSZECK, 2007 p. 4)

Aprender depois mais tarde sobre o que são letras, o que são números será só um resultado disso. Chegar a conclusões de expressões espaciais para entender o que uma letra "a", uma letra "b", a parte sonora das letras, a parte visual das letras será só uma consequência disso. Se desenvolvermos bem a criança nos quatro pré-requisitos de desenvolvimento ela terá muitas chances de chegar na Escola conhecendo as letras de forma mais plena.

Nós sabemos que letras e números são símbolos, para a criança desenvolver a capacidade simbólica e conhecê-los ela tem antes de tudo reconhecer os om das letras, conhecer a forma dos números, manipular manualmente ou de forma motora essas letras e esses números. Ou seja, em primeiro lugar desenvolver os pré-requisitos mais básicos para depois partirmos para o desenvolvimento simbólico da leitura e da escrita.

A criança não é um ser estativo, é um ser dinâmico, ela é um ser que pensa, que faz relações, que faz inferências, interferências e aprendizagem quando ela começa a se desenvolver nos primeiros anos de vida ela nada mais é do que um preparo para aprendizagem mais complexas para quando a criança chegar na Escola, chegar na fase sócio escolar. Essas inferências são necessárias para percebermos se a criança está passando por essas etapas fundamentais. O desenvolvimento gestacional até os cinco anos de vida irá asfaltar bem ou asfaltar mau o caminho da criança na escola.

2.2 A APRENDIZAGEM NO CÉREBRO HUMANO

A Educação Inclusiva é um tema polêmico uma vez que quem tem filho especial sabe o desafio que é encontrar Escolas na Rede Regular de Ensino capacitadas e habilitadas para receber alunos com necessidades especiais.

É importante ressaltar que antes de se praticar a inclusão necessariamente se praticou a exclusão. Dessa forma, tão importante quanto praticarmos efetivamente a inclusão é deixarmos de praticar a exclusão. Quando nós temos uma Escola que não está adaptada fisicamente para receber uma cadeira de rodas, seja pela falta de rampa de acesso, seja pela falta de elevadores, seja pela falta de banheiros adaptados necessariamente está se praticando sim a exclusão. A pessoa não tem como acessar e se movimentar dentro do ambiente escolar.

Nós temos que entender que estamos num mundo diverso onde nós temos pessoas com necessidades diversas e entre elas as pessoas com necessidades especiais que precisam ter a capacidade de acessar a escola. Antes de falar de Educação Inclusiva, ou seja, Educação dentro da sala de aula temos que garantir que o aluno com necessidade especial consiga chegar até a sala de aula. Então, se na Escola não se tem rampa de acesso, não tem elevador, não tem banheiros adaptados como os alunos com necessidades especiais entrarão na escola e permanecerão nelas?

A questão básica é pensar como levar uma criança cadeirante, ou mesmo uma criança que utiliza de muletas para sua locomoção que apresenta dificuldade de subir uma escada ou descer uma escada, ou ainda no andador. Como é que essa criança chega a uma sala de aula para a partir daí pensarmos e refletirmos sobre a Educação Inclusiva que acontece dentro da sala de aula.

Praticar a Educação Inclusiva necessariamente o aluno com necessidades especiais precisa primeiramente chegar na sala de aula. Temos escolas adaptadas para esses alunos?

Segundo o Censo Escolar realizado em 2014, menos de 10% das Escolas no Brasil estão efetivamente adaptadas fisicamente para receber alunos cadeirantes, por exemplo, em suas escolas. Outra questão a ser considerada é a falta de capacitação dos professores e do quadro de funcionários em geral de lidar com esses alunos.

O Plano Nacional de Ensino – PNE possui em sua meta 4 o seguinte texto:

Universalizar para a população de 4 a 17 anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação o acesso à Educação Básica e ao Atendimento Educacional Especializado – AEE, preferencialmente na Rede Regular de Ensino, com a garantia de Sistema Educacional Inclusivo, de Salas de Recursos Multifuncionais, Classes, Escolas ou Serviços Especializados Públicos ou Convencionados (BRASIL, 2014). O texto dessa meta 4 do Plano Nacional de Ensino – PNE já nos faz refletir, questionar e fazer uma crítica por palavras que foram incluídas em seu texto final. Uma palavra que gera bastante polêmica refere-se ao

acesso à educação básica e ao Atendimento Educacional Especializado – AEE, preferencialmente na Rede Regular de Ensino. Isso é um problema uma vez que pode ser tornar em uma válvula de escape para não se praticar a inclusão.

Outra palavra que gera polêmica nessa meta e é a última palavra do texto que é a palavra "conveniados", ou seja, Escolas ou Serviços Especializados, Públicos ou Conveniados. Esses "conveniados" refere-se à terceirização do Serviço, ou seja, utilizar-se de Entidades Terceiras. A interpretação gera debate uma vez que temos "n" interpretações.

Historicamente nosso Sistema de Educação tem excluído as pessoas com necessidades especiais e hoje, com essa meta 4 do Plano Nacional de Ensino – PNE que não deixa de ser um avanço tenta-se recuperar o atraso para a inclusão das pessoas com deficiências e tem apresentado resultados positivos é só acompanharmos a evolução do número de matrículas de alunos com necessidades especiais na rede regula de ensino efetivamente ela tem aumentado consideravelmente o que é uma boa notícia.

Por outro lado, existem muitas reclamações com relação a falta de capacitação dos professores e do quadro de funcionários em geral de lidar com esses alunos. É um desafio para todos e temos que encará-lo de frente.

Existem Escolas que praticam a Inclusão Escolar em um trabalho conjunto entre o aluno, a família do aluno, os professores, diretores e profissionais especializados como psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos todos participando em conjunto para que se possa criar um Plano de Educação para aquele aluno especial. É possível se praticar a inclusão de forma efetiva com resultados satisfatórios. É muito importante lembrar que a integração escolar estimula o desenvolvimento de alunos com necessidades especiais. A integração escolar estimula o desenvolvimento do portador de necessidades especiais com uma função inclusiva, uma função terapêutica, além de estimular a convivência com a diferença. Essa convivência com a diferença não é apenas para as crianças e adolescentes que possuem necessidades especiais, mas também, para os demais que convivem come essa criança, esse jovem uma vez que temos um debate muito amplo em nossa sociedade acerca da inclusão, à diversidade.

A ideia de uma sociedade inclusiva se fundamenta numa filosofia que reconhece e valoriza a diversidade. A Inclusão depende de uma mudança de valores da nossa sociedade. A vivência de um novo paradigma com uma reflexão aberta entre professores, alunos, diretores, pais e comunidade.

A Escola tem um papel fundamental na formação do cidadão e, portanto, deveria se preocupar mais com o tema da Inclusão trabalhando em parceria com a família, com os alunos com necessidades especiais e com todos os profissionais para que essa criança, esse adolescente tenha um aprendizado de qualidade e sinta-se num ambiente diverso incluído e possa desenvolver-se de maneira plena.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Neuropsicopedagogia ainda é um livro com muitas páginas em branco, sua importância já aparece bem nítida para os profissionais não só da pedagogia, como para psicólogos, Neurocientistas, Neuropiscopedagogos, Psicopedagogos que precisam mostrar aos demais o que estão fazendo e como o estão fazendo.

Querer que a criança seja um bom matemático, um bom escritor, querer que a criança faça interrelações automáticas, ou interrelações voluntárias de conhecimento diversos em primeiro lugar passa por um bom desenvolvimento infantil nos primeiros anos de vida.

É preciso ter paciência de ouvir o seu choro, é preciso ter paciência de pegar no colo, olhar nos olhos e realmente entender por que a criança está chorando e o que está pedindo, solicitando, desejando. A criança pede momentos para que os pais fiquem junto com ela para que seja vista na sua essência, na sua individualidade e na sua singularidade para que de fato essa criança possa não só ter seu desenvolvimento infantil garantido como ser um adulto feliz.

A Educação Inclusiva é aquilo que muitos já conhecem que é a ideia de que as crianças estudam e aprendem melhor, quando estão crianças com e sem deficiência, na mesma sala de aula. A Educação Inclusiva é objetivo, é ideal que ainda está muito longo em muitas escolas de nosso país e de muitos países, no entanto, ela é absolutamente necessária porque ela traz a diversidade, a riqueza da humanidade para a sala de aula e prepara melhor o aluno para isso aqui, para o mundo extrassala de aula.

Como todos os grandes desafios que temos em nossa sociedade, não interessa se estamos falando de saúde pública, do nível de desemprego, da corrupção, a educação inclusiva tem a tendência a encontrar motivos únicos e muitas vezes até simples para qualquer desses problemas não são solucionados.

Vemos todos os dias nas notícias, ou escuta de amigos, de pessoas que superaram tudo e conseguiram coisas extraordinárias. A iniciativa do indivíduo, aquela força de vontade, é absolutamente essencial, mas será que é suficiente para a inclusão?

Se quisermos avançar no tema da

Educação Inclusiva e em todos os nossos grandes desafios sociais, é não procurarmos uma receita mágica, é um problema complexo, polêmico, que não serão um, dois ou três pontos que vão resolver os desafios que são específicos de cada escola, de cada aluno.

Nenhum problema é igual, nenhuma pessoa é igual a outra. Então, o Sistema Educacional precisa ser inclusivo. O aluno vai precisar se esforçar. O professore vai precisar de algumas orientações específicas para aquele tipo de deficiência.

Precisamos pensar em Políticas Públicas aquedas para efetivação e concretização da inclusão.

Precisamos trabalhar para que o sistema de ensino não ajude só o aluno cego em determinada situação, mas que ajude milhares de alunos com necessidades especiais. Temos mais de 10% da população brasileira que representa uma montanha de talentos que hoje está sendo desperdiçada. Não podemos deixar que esses 10% ou mais dependam da sorte.

Portanto, a Educação Inclusiva pressupõe um trabalho que desconstrói a visão homogeneizada de educação e parte para uma necessidade de entendermos a singularidade, a particularidade de cada uma pessoa com deficiência e com isso construir projetos pedagógicos que respeitem essa forma particular, essa forma de cada um se desenvolver e ser relacionar com o conhecimento.

A ideia de Educação Inclusiva se baseia em dois pilares fundamentais: o primeiro de se entender educação como um direito fundamental. As pessoas com deficiência devem entender isso como um direito e não como boa vontade ou favor por parte de educadores e gestores e o segundo é a ideia de que educação contemporânea deveria valorizar as diferenças.

A Educação Inclusiva é o desafio de todos nós. "A atuação do Estado na Inclusão das pessoas com deficiência, refere-se ao direito de todos os cidadãos ao acesso a uma arena democrática plural. A pluralidade de pessoas, credos, ideologias etc., é elemento essencial da democracia e da vida democrática em comunidade. A pluralidade e a igualdade são faces da mesma moeda pois o respeito a pluralidade não prescinde do princípio da igualdade. [...] Não é dado a Escola escolher, segregar, separar, mas é seu dever ensinar, incluir, conviver."

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira (Consultora). Práticas Cotidianas na Educação Infantil – Bases para Reflexão sobre as Orientações Curriculares. Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB/UFRGS, 2010.

BARTOSZECK, Amauri Betini. Percepção do professor sobre a Neurociência aplicada a Educação. EDUCERE, Revista da Educação Umuarama, V.9, Nº 1, janeiro, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Especial. Brasília: MEC, SEESP, 1998.

BRASIL. Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece as Normas Gerais e Critérios Básicos para a Promoção da Acessibilidade das Pessoas Portadoras de Deficiência ou com Mobilidade Reduzida, e dá Outras Providências. Diário Oficial da União, Brasília, 20 dez. 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação (PNE). Brasília: MEC/INEP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília:

MEC/SEESP, 2008a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino. Planejando a Próxima Década: conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação. Brasília: SASE, 2014.

BRITES, Luciana. & BRITES, Clay. Como Saber do seu Filho precisa? Aprenda os 7 Pilares da Educação e tenha certeza de que está preparando seu Filho para a Vida. São Paulo: Editora Gente, 2018.

BRITES, Luciana. & BRITES, Clay. Crianças Desafiadoras: Aprenda como Identificar, tratar e Contribuir de Maneira Positiva com Crianças que têm Transtorno Opositivo-Desafiador. São Paulo: Editora Gente, 2019.

BRITES, Luciana. & BRITES, Clay. Mentes Únicas: Aprenda como descobrir, entender e estimular uma Pessoa com Autismo e desenvolva suas Habilidades impulsionando seu Potencial. São Paulo: Editora Gente, 2019.

BRITES, Clay. Como Lidar com Mentes a Mil por hora: Entenda o TDAH de uma vez por todas e descubra como mentes hiperativas e desatentas podem ter uma Vida Bem-Sucedida. São Paulo: Editora Gente, 2021.

CIASCA, Sylvia Maria. Desempenho na Resolução de Problemas envolvendo o Conceito Auditivo em Sujeitos com Dislexia do Desenvolvimento. Revista de Psicopedagogia, 23 (71), 2006.

FACION, J. R. Inclusão Escolar e suas Implicações. 2. Ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. O cérebro nosso de cada dia: descobertas da neurociência sobre a vida cotidiana. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

METRING, Roberte. Neuropsicologia e aprendizagem: fundamentos necessários para planejamento do ensino. Rio de Janeiro: Wak, 2011.